

MATTHEW D'ANCONA

*O QUE ACONTECE DE NOVO AGORA NÃO É
A DESONESTIDADE DOS POLÍTICOS, MAS
A RESPOSTA DO PÚBLICO EM RELAÇÃO A ISSO.*

PÓS-VERDADE

**A NOVA GUERRA CONTRA OS FATOS
EM TEMPOS DE FAKE NEWS**

MATTHEW D'ANCONA

PÓS-VERDADE

**A NOVA GUERRA CONTRA OS FATOS
EM TEMPOS DE FAKE NEWS**

Tradução: Carlos Szlak

 **FARO
EDITORIAL**

*Em memória de minha mãe,
Helen d'Ancona (1937-2014),
que durante toda a vida falou a verdade.*

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

.....

HÁ ALGUMAS DÉCADAS EXISTE, NO BRASIL, A TRADIÇÃO anual do chamado “hit do verão”, música que dominará as festas, praias, rádios e programas de auditório durante a estação praieira nacional. Não seria absurdo afirmar que, com o advento das mídias sociais, surge de tempos em tempos um “hit do verão das ideias”. Foi o que aconteceu, a partir da segunda metade do ano de 2016, sobretudo depois do chamado “Brexit” e da vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais norte-americanas, com a “pós-verdade”, apontada indistintamente como sintoma, causa e consequência daqueles dois eventos e de outros semelhantes. Mas se o hit do verão dura no máximo até a próxima estação, a pós-verdade, pelo menos enquanto fenômeno sociológico, parece destinada a perdurar por muitos carnavais. É prudente, pois, ir um pouco além das polêmicas de internet e tentar entender, de fato, o que ela significa. É isto o que faz Matthew d’Ancona em *Pós-verdade: A nova guerra contra a verdade e como reagir*.

Pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mentem desde o início dos tempos. O que a pós-verdade traz de novo “não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso.

A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência (ver página 34).” Massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional. A verdade, assim, perde a primazia epistemológica nas discussões públicas e passa a ser apenas um valor entre outros, relativo e negociável, ao passo que as emoções, por outro lado, assumem renovada importância. Na base do fenômeno, argumenta d’Ancona, está o colapso da confiança nas instituições tradicionais, pois “todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau relativamente alto de honestidade para preservar a ordem, defender a lei, punir os poderosos e gerar prosperidade (ver página 42)”.

Para os brasileiros, *Pós-verdade*, o livro, é ainda mais relevante do que é para o público inglês e norte-americano, a quem originalmente se destina. Pois não terá escapado ao leitor atento que as características da pós-verdade que d’Ancona e outros estudiosos apontam como fenômeno inédito e surpreendente na Inglaterra e nos Estados Unidos são o mesmo material de que se constitui a história do Brasil. Se elas definem a pós-verdade, então, parafraseando um antigo chiste, pode-se afirmar que o Brasil foi da mentalidade mitopoética à da pós-verdade sem passar pela era da verdade.

Não deixa de ser curioso que d’Ancona mencione, como exemplo prototípico da cultura da pós-verdade, a atual campanha antivacinação em voga nos EUA. Pois o Brasil é aquele país em que houve uma revolta popular, a Revolta da Vacina de 1904, contra a vacinação e a favor da varíola. D’Ancona cita ainda, como um dos motivos da descrença generalizada nas instituições, os gastos exorbitantes dos políticos britânicos: tudo trocado perto das cifras que os brasileiros estão acostumados a encontrar associadas aos políticos do país. Também não podemos ignorar que, se a base de toda sociedade próspera é a confiança, a da nossa é a Lei de Gerson, a tentativa de levar vantagem

sobre todos, da qual os escândalos de corrupção são apenas o aspecto mais visível. Quanto à primazia das emoções na nossa vida pública, ela é tal, que a narrativa padrão de uma das eleições mais importantes da nossa história, a de 2002, foi a de que “a esperança venceu o medo”. E o valor relativo que damos à verdade não deixa de se fazer presente no melhor da nossa literatura de ficção. Um dos personagens mais queridos do nosso teatro é o Chicó, de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Sua marca é contar as histórias mais estapafúrdias e inverossímeis. Quando lhe perguntam como aquilo é possível, responde: “Não sei, só sei que foi assim”. Mais pós-verdade impossível. Se as manchetes correntes e os prognósticos para as eleições de 2018 indicam algo, é que esse estado de coisas, de passado tão glorioso, tem também futuro promissor.

Nas sociedades ocidentais, a primazia da verdade como valor cultural e árbitro das questões públicas é, em grande medida, lembra d’Ancona, resultado do Iluminismo. Assim, não é coincidência que tal primazia pareça nunca ter chegado ao Brasil. O Iluminismo é uma das marcas definidoras da Modernidade e esta, segundo os estudiosos, nunca fincou raízes por aqui.

Por isso, este livro tem uma dupla utilidade para nós. Por um lado, ele explica o advento da pós-verdade naquelas sociedades e o perigo que ela apresenta para uma sociedade como a nossa, que sequer chegou a conhecer uma era da verdade. Por outro, ajuda a entender certos aspectos do nosso passado, sendo a única forma de modificar o nosso futuro.

OS EDITORES

QUASE MORTE, PÓS-VERDADE

EM SETEMBRO DE 2016, O ANJO DA MORTE ESBARROU EM

mim. Basta dizer que uma úlcera perfurada, em combinação com uma sepsia abdominal, não é uma boa notícia. Ou, em outras palavras, ainda bem que só vi as taxas de mortalidade depois de sair do hospital.

Tive muita sorte, embora sentisse culpa pela preocupação que causei a meus familiares. Também senti profunda gratidão pelos médicos que me salvaram e ajudaram-me a recuperar-me mais rápido do que o previsto de início. Maravilhei-me com a ciência médica, que me trouxe de volta da beira do precipício: porque esse é exatamente o lugar em que estão os “especialistas” — tantas vezes criticados atualmente — de que precisamos.

Parafraseando o dr. Johnson*, posso dizer que essas experiências concentram a mente. Após receber alta, meu único objetivo profissional era voltar ao jornalismo para cobrir a eleição presidencial

* Samuel Johnson (1709-1784), conhecido como dr. Johnson, foi poeta, ensaísta, moralista, biógrafo, crítico literário e lexicógrafo inglês. (N.T.)

norte-americana de 8 de novembro.¹ Assim como a maioria dos comentaristas políticos, eu esperava a vitória de Hillary Clinton, mas tinha certeza de que a indicação de Donald Trump como candidato à presidência pelo Partido Republicano era mais do que uma anomalia, uma espécie de dobra no tecido político que seria desmassada em pouco tempo. A vitória de Trump tornou absurdo sustentar que se tratava de uma coisa como outra qualquer (embora alguns tenham tentado fazer isso). Fiquei pasmo por meus filhos adolescentes, nenhum dos quais partidário de Trump, não terem ficado muito surpresos com o resultado. A geração deles intuiu uma mudança no ar que a minha, de modo geral, não foi capaz.

Mas que mudança? Sem escapatória, Trump caminha com arrogância pelas páginas deste livro como uma pantera cor de cenoura. Mas ele não é o personagem principal. Assim como este livro não trata da extrema-direita nem de nenhuma ideologia específica. É bastante óbvio imaginar um equivalente de esquerda de Trump se agitando e subindo ao poder em uma onda de mentira e populismo impostor. O problema é mais profundo.

Meu tema é epistemológico. Ou seja, relacionado ao conhecimento, sua natureza e sua transmissão. Especificamente, investigo o valor declinante da verdade como moeda de reserva da sociedade e a difusão contagiosa do relativismo pernicioso disfarçado de ceticismo legítimo. Se, de fato, vivemos em uma era de pós-verdade, onde estão suas raízes? Quais são seus principais sintomas? E o que podemos fazer a respeito?

De modo geral, compartilho a aversão de Saul Bellow pela “tagarelice da crise”. Dito isso, há ocasiões em que é errado ficar em silêncio e adotar a pose de profissionalmente imperturbado. Após mais de 25 anos como jornalista, eu estaria traindo minha profissão se apoiasse a degradação do valor central do jornalismo — a exatidão — provocada por mascates e vendedores de “poções mágicas”. Aqueles de nós que trabalham para a mídia impressa erram, mas também somos

responsabilizados por nossos erros, e com razão. Então, o que acontece quando as mentiras não só proliferam como também parecem ter menos importância — ou até importância alguma?

Também sou curador do Science Museum, em Londres. Em seus salões e galerias, fruto do trabalho de sua notável equipe, parece uma afronta à maior revolução da história do conhecimento humano que estejam agora em circulação tanta falsificação, pseudociência e tolice médica. A noção de ciência como conspiração, em vez de um campo de investigação capaz de mudar o mundo, costumava se limitar aos excêntricos. Já não é mais assim. E isso, para mim, é intolerável.

Menciono esses detalhes porque este livro é basicamente um tratado pessoal, e não um manual desapaixonado. Não é um momento para histeria. Da mesma forma, não é hora de ser otimista ou ter a confiança presunçosa de que aquilo que chamamos de pós-verdade seja apenas a última moda sobre a passarela intelectual, que desaparecerá espontaneamente na insignificância.

Sem surpresa alguma, George Orwell oferece um texto para nossa época, e também para a dele — nesse caso, em seu ensaio de 1942 intitulado “Recordando a guerra civil”. Orwell lembrou o sucesso assustador da propaganda fascista, sobretudo em relação à intervenção russa no conflito:

Esse tipo de coisa é aterrorizante para mim, porque muitas vezes me dá a sensação de que o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo. Afinal, há chances de essas mentiras, ou em todo caso mentiras semelhantes, passarem para a história. Como a história da guerra civil espanhola será escrita? Se Franco continuar no poder, pessoas nomeadas por ele escreverão os livros de história, (para ser fiel ao exemplo escolhido) aquele exército russo que nunca existiu se tornará um fato histórico, e gerações de estudantes aprenderão a respeito dele a partir daí. Mas suponha que o fascismo

seja finalmente derrotado e algum tipo de governo democrático se restabeleça na Espanha num futuro razoavelmente próximo; mesmo então, como a história da guerra será escrita? Que tipo de arquivo Franco deixará para trás? Suponha até mesmo que os arquivos mantidos pelo governo atual sejam recuperáveis – ainda assim, como uma história verdadeira da guerra será escrita? Pois, como já sublinhei, o governo também lidava amplamente com mentiras. Do ângulo antifascista, será possível escrever uma história verdadeira da guerra em termos gerais, mas seria uma história parcial, em cujos pontos secundários não se pode confiar. Ainda assim, no final das contas, algum tipo de história será escrito e, depois que aqueles que de fato se lembrarem da guerra estiverem mortos, será universalmente aceito. Então, para todos os efeitos práticos, a mentira terá se tornado verdade*.

Orwell reconhecia que não havia nada de novo na noção de parcialidade histórica. No entanto, ele afirma: “... o peculiar à nossa época é o abandono da ideia de que a história *pode* ser escrita de forma verdadeira.”²

Foi uma premonição inicial da era da pós-verdade. O temor de Orwell era de que fosse o totalitarismo a força que destruiria a própria noção de veracidade. Como veremos, as pressões sobre a verdade hoje em dia são mais complexas, dispersas e traiçoeiras. No entanto, também são mais perturbadoras, porque não emanam de um identificável Grande Irmão, Goebbels ou *Izvestia***.

Não há nenhuma estátua para ser derrubada.

* Trecho extraído do ensaio “Recordando a guerra civil”, do livro *Lutando na Espanha*, de George Orwell, tradução de Ana Helena Souza, Editora Globo. Original de 1938 e tradução de 2006. (N.T.)

** Era o Diário Oficial da União Soviética. (N.T.)

Há outro motivo pelo qual é tão importante enxergar Trump como consequência, e não como causa. Sua saída do cargo político — independentemente de quando isso acontecerá — não marcará o fim da era da pós-verdade, e trata-se de um grave erro de análise pensar de outra forma. Não é uma batalha entre liberais e conservadores. É uma batalha entre duas maneiras de perceber o mundo, duas abordagens fundamentalmente distintas em relação à realidade: e, entre essas duas, você *tem* de escolher. Você se alegra ao ver o valor central do Iluminismo, das sociedades livres e do discurso democrático ser destruído por charlatães? Ou não? Você está em campo ou lhe basta estar sentado nas arquibancadas?

Apesar de toda a conversa a respeito de apatia e desmotivação da sociedade — parte dela justificada, parte não —, permaneço otimista. Acho que, apesar dos truques psicológicos que utilizamos em nosso proveito, no final das contas somos constituídos para requerer a verdade e para resistir à falsidade. Há uma voz interior em nós que resiste às mentiras, ainda que essa voz tenha sido atenuada (por motivos que veremos). O desafio é convertê-la de um sussurro em um rugido. A verdade está por aí. Tomara que nós a exijamos.

MATTHEW D'ANCONA

Março de 2017